

## INTEGRAÇÃO, EXÍLIO E SOLIDÃO NO CONTO “CAIS-DO-SODRÉ”, DE ORLANDA AMARÍLIS

Altamir Botoso<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos o conto “Cais-do-Sodré”, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis. Tal análise centra-se na construção da protagonista da história, Andresa, com o objetivo de demonstrar que ela é um ser de fronteira, que permanece enredada entre dois polos – a problemática integração à nova pátria e o exílio e a solidão – numa situação que se perpetua e para a qual não há nenhuma solução possível, evento que propicia a nostalgia como forma de amenizar a situação conflituosa na qual vive.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exílio. Solidão. Orlanda Amarílis.

### Introdução

A literatura de expressão portuguesa produzida em países africanos tem merecido a atenção constante de teóricos e críticos no mundo contemporâneo. Assim, popularizaram-se no Brasil (e também em outros países) alguns escritores como Mia Couto, José Eduardo Agualusa, Pepetela, José Luandino Vieira, só para citar os mais conhecidos.

No entanto, vemos que são raras as menções a textos de autoria de mulheres escritoras de origem africana. Sendo assim, a proposta deste artigo é analisar o conto “Cais-do-Sodré”, que faz parte da coletânea de contos intitulada *Cais-do-Sodré té Salamansa*, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, no intuito de divulgar os escritos de Amarílis para o público leitor brasileiro.

Centramo-nos na construção da protagonista do conto, Andresa, e estudamos a sua situação de ser de fronteira, que se debate entre a luta para se integrar e o exílio e a solidão em terras europeias.

Levando-se em conta o fato de que “não obstante sua importância para o sistema literário de seu país e, ainda, o fato de ser uma das mais importantes escritoras dos cinco países de língua portuguesa, pouco se conhece a obra de Orlanda Amarílis”

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, e docente dos cursos de Graduação e do Mestrado em Letras da Universidade de Marília-SP – UNIMAR. E-mail: abotoso@uol.com.br.

(TUTIKIAN, 2010, p. 299), na primeira parte do artigo, efetuamos um levantamento dos dados biográficos mais relevantes de sua vida, apontando também suas obras, temas e assuntos mais recorrentes nas suas produções ficcionais e, na segunda parte, procedemos à análise do conto selecionado, ressaltando os efeitos e as consequências da busca pela integração à sociedade de Lisboa e do exílio e da solidão sobre a personagem Andresa.

## 1 A trajetória de Orlanda Amarílis

Orlanda Amarílis é uma escritora caboverdiana e seu nome completo é Orlanda Amarílis Lopes Rodrigues da Silva Fernandes, natural de Assomada, Santa Catarina, Cabo Verde, nascida em 1924. Casou-se com o escritor Manuel Ferreira em 1945, em Cabo Verde, tem dois filhos – Sérgio e Hernani.

A escritora passou a infância na cidade de Mindelo, onde completou seus estudos primários e secundários e o magistério foi concluído em Goa, no período em que aí viveu.

Sua carreira literária iniciou-se com colaborações na revista *Certeza* (1944), publicação que, depois de *Claridade*, marcou momentos extremamente significativos da vida cultural em Cabo Verde. Posteriormente, teve importante colaboração como ficcionista em diversas revistas, tais como *Colóquio/Letras*, *África*, *Loreto 13*, da Associação Portuguesa de escritores e seus textos fazem parte de várias antologias: *Escrita e combate* (1976); *Contos – O campo da palavra* (1985); *Fantástico no feminino* (1985); *Afecto às Letras – Obra Colectiva de Homenagem da Literatura Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho* (1984); participou da antologia em língua alemã de contistas africanos: *Frauen in der Dritten Welt*, RFA (1986), e da antologia de escritores caboverdianos em língua inglesa: *Across the Atlantic: an Anthology of Cape Verdean Literature*, Estados Unidos (1988). Alguns de seus contos foram traduzidos para o russo, o húngaro, o holandês e o italiano (FERREIRA, 1991, p. 7-8).

As obras da autora, em ordem cronológica de publicação são as seguintes: 1. ficção: *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1983), *A casa dos mastros* (1989) – estas três obras são coletâneas de contos; 2. literatura infantil: *Facécias e peripécias* (1990), *A tartaruguinha* (1997); 3. escolares: *Folha a folha*. Leituras para o 1º ano de escolaridade (1987), escrito em co-autoria com Maria Alberta

Menéres e *Folha a folha*. Caderno de trabalho (1987), também em co-autoria com Maria Alberta Menéres.

Orlanda Amarílis faz parte de um reduzido grupo de escritoras de Cabo Verde, onde a grande maioria de autores é formada por homens – Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Mário Fonseca, Daniel Felipe, Armenio Vieira, dentre outros (SANTILLI, 2007, p. 9-10). Embora haja poucas mulheres escritoras, a sua escrita apresenta algumas especificidades e particularidades, conforme aponta Sônia Maria Alves de Queiroz (2010, p. 4-5):

[...] a produção literária feminina cabo-verdeana [...] traz à tona textos cujos temas revelam as experiências sociais das mulheres de Cabo Verde, muitas vezes colocando-se como metonímia ou representante da parte pelo todo de tantas mulheres que vivem os mesmos dilemas, as mesmas paixões e desencantos, destacando suas angústias e medos, assim como suas conquistas. A escritura de autoria feminina em Cabo Verde busca representar o cotidiano de mulheres que reinventam a historicidade do dia-a-dia, enfatizando o mundo doméstico feminino, os avanços à emancipação das mulheres, bem como as violências sociais e discriminações sofridas, a iniciação sexual precoce muitas vezes, culminando em uma gravidez indesejada, a falta de planejamento familiar, a prostituição, enfim, a problemática social que insiste em se estabelecer em Cabo Verde.

Se de um lado, as escritoras cabo-verdeanas procuram tratar de problemas e tensões que as envolvem no mundo contemporâneo, por outro, voltam-se para a vida doméstica e as agruras cotidianas que envolvem tópicos como a violência, a discriminação, a prostituição, em suma, transformam a problemática social em matéria narrativa e Orlanda Amarílis é uma das mais relevantes escritoras que relata os problemas sociais e os contemporâneos vivenciados pelas mulheres em seus contos, fato que leva Fernando Mendonça (1983, p. 65) a ponderar que

[...] Orlanda Amarílis [é] um dos mais fiéis tradutores da vida insular (e insulada), utilizando inclusivamente o dialeto crioulo nas suas narrativas, [...]. [...] é possível afirmar que ela pertence à estirpe de uma Irene Lisboa, de uma Maria Judite de Carvalho ou de uma Maria Ondina, escritoras que souberam ou sabem, como ninguém, fixar os instantes do solitário e amargo consumir das horas ou o sabor da solidão. Na verdade, apesar dos contos de Orlanda Amarílis se debruçarem mais sobre pessoas que ganham o seu perfil num *décor* que vai do Cais-do-Sodré até a praia de Salamansa ou até ao Ilhéu dos Pássaros, e só nessa moldura são dramaticamente documentais, o certo é que a força criadora que reinventa essas personagens e as recupera no horizonte da tragédia é justamente a mesma das escritoras do continente.

Fernando Mendonça inclui Orlanda Amarílis entre o rol de escritoras de língua portuguesa da atualidade e enfatiza a sua preocupação em retratar pessoas, em geral, mulheres caboverdianas, com seus dramas, sofrimentos e também a solidão que as irmana e as solidariza num universo marcado por enormes desigualdades sociais, no qual o papel da mulher precisa ser constantemente reafirmado e reassegurado.

Com acerto, Pires Laranjeira (apud TUTIKIAN, 2008, p. 46) observa que as personagens femininas de Amarílis são “ilhas desafortunadas”, marcadas, muitas vezes, pela dor e pelo sofrimento. Nos escritos de Orlanda Amarílis aparecem

Retratos de mulheres, às vezes. Outras, retratos de mulheres com paisagens ao fundo, lá ao longe, muito longe, no espaço e no tempo, contando histórias de vidas ou vidas sem história. Melhor: vidas vazias, vidas caindo no vazio (sem futuro, sem amor, sem trabalho, sem alegria).

Nas histórias de Orlanda Amarílis, pode-se perceber que as personagens femininas são obrigadas a emigrar de Cabo Verde em razão da própria topografia da região, caracterizada pela aridez do solo, ventos, clima seco, o que ocasiona a miséria de seus habitantes e a necessidade de buscar o sustento em outras partes do mundo. A emigração, desse modo, ganha relevo como tema literário nos escritos de Amarílis e se configura numa das questões centrais das suas produções ficcionais para demonstrar a realidade da mulher e também dos homens caboverdianos.

Embora Pires Laranjeira ressalte somente um lado pessimista das personagens nas obras de Orlanda Amarílis, Benjamin Abdala Júnior (1999, p. 80) destaca outros aspectos relevantes de sua produção ficcional:

[...] o texto de ficção de Orlanda Amarílis mostra-se bastante auto-recorrente, criando um *continuum* como se a escritora estivesse sempre escrevendo um mesmo livro, com seus narradores trazendo novas visões dos mesmos objetos ou acréscimos de histórias intercaladas. Além disso, esse *continuum* do espaço-tempo, em oposição ao insulamento das ‘mulheres-sós’, cria ao nível da enunciação um espaço de solidariedade. Esse recorte é manifestação do desejo da escritora, de sua vontade. Ou, se quisermos, uma configuração virtual que cria horizontes capazes de levar o escritor e seus atores a dialogarem em termos de presente com seus leitores. Dessa forma, o que poderia ser denúncia da situação da mulher caboverdiana acaba também por constituir uma forma solidária de encontro. O texto, assim, não deixa de ser manifestação utópica: uma manifestação da vontade da escritora que acredita que as coisas possam ser diferentes do que são e se seu leitor, como boa parte de suas personagens, não pode modificar o mundo, poderá pelo menos modificar suas atitudes diante dele.

O sentido dos textos de Orlanda Amarílis amplia-se, pois abarca não só o universo de Cabo Verde, mas também a realidade da mulher africana de um modo mais geral. Há uma preocupação por parte da escritora com os problemas de sua terra natal, em iluminar a realidade cotidiana de mulheres que vivenciam experiências e dramas que fazem parte não só dos países africanos, mas, de uma forma mais abrangente, do mundo contemporâneo, pois, ainda de acordo com Benjamin Abdala Júnior (1999, p. 84): “os ‘causos’ de Orlanda Amarílis são relatados [...] sobretudo por vozes femininas. À identidade da nação soma-se a do assim chamado ‘gênero’. Não se trata apenas de representar Cabo Verde, mas de construir a ‘maneira de ser’ das mulheres caboverdianas.”

Em síntese, Fernando Mendonça (1983, p. 69) tece as seguintes colocações a respeito de Orlanda Amarílis:

Estamos diante de uma escritora que oferece duas perspectivas distintas, ainda que, de certa forma, interdependentes: a escritora cabo-verdiana e a narradora sensível de histórias de mulheres. De mulheres que já ultrapassaram a linha do oceano que circunda as ilhas, ou que sonham ultrapassá-la. Depois sonham com o regresso. Com todas as suas precariedades, as secas, as fomes, o isolamento, o arquipélago possui um apelo irresistível, uma estranha magia.

Assim, Orlanda Amarílis é, por um lado, a escritora atenta aos problemas de sobrevivência no arquipélago, e também a artista capaz de fixar os usos, as tradições, a cultura que Cabo Verde conscientemente possui com autonomia. Por outro lado, a sua ficção articula-se e cabe no que hoje se alargou, e caracterizou, como ficção de autoria feminina. Se os seus contos são caboverdianos, a sua sensibilidade, ou melhor, a sua arte é universal e nada fica a dever às escritoras que, no continente, vão escrevendo o que de melhor a literatura portuguesa tem apresentado nos últimos vinte anos. Orlanda Amarílis é uma escritora de Cabo Verde, mas Cabo Verde pode orgulhar-se de ter uma escritora que já não lhe pertence inteiramente, porque pertence às literaturas de língua portuguesa.

Sem dúvida, a obra de Orlanda Amarílis enquadra-se no gênero que os teóricos denominaram de literatura de autoria feminina, a qual vem ampliando-se e se alargando nos dias atuais. A sua produção torna-se universal na medida em que a escritora em apreço procura enfatizar em suas produções os problemas e conflitos da mulher na contemporaneidade e sua obra merece ser divulgada e estudada com maior profundidade.

Dessa maneira, no presente artigo, buscamos analisar o conto “Cais-do-Sodré”, que é o primeiro conto do livro *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1991), destacando a personagem Andresa, que é marcada pelo exílio e pela solidão na nova pátria que escolheu para viver, a cidade de Lisboa.

## 2. A construção da personagem Andresa

A escritora Orlanda Amarílis “se insere entre as mulheres que contam a história das mulheres dentro da história de seu país. Daí a força da construção de suas personagens femininas” (TUTIKIAN, 2010, p. 299), conforme se pode notar por meio de Andresa, a protagonista do conto “Cais-do-Sodré”.

É numa estação, cenário que se repete nos contos de Orlanda Amarílis, que se dá o encontro entre a personagem central do conto mencionado e sua patrícia, Tanha. Andresa arrepende-se de estabelecer uma conversa com Tanha, mas não é capaz de pôr um fim ao diálogo principiado:

“Sabe, eu estava a olhar para si porque vi logo ser gente da minha terra”, continuou Andresa, olhando e sorrindo para a figura seca de carnes sentada a seu lado.

Esta sorriu também. Um sorriso tímido e descansado.

[...]

Andresa ajeita a mala sobre os joelhos, acaricia o fecho de tartaruga, num gesto vago, sem atinar porque dera conversa à senhora. Conchêl, porquê? Dondê? Só se for do tempo de chá de fedegosa. Sou mesmo disparatada. Se eu era Andresa Silva, Andresa filha de nhô Toi Silva de Casa Madeira? Sim senhora, sou Andresa, sobrinha de nh’Ana, filha de nhô Toi. É sim. Mais conversa pã mode quê? Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar treta a todo biscareta da minha terra. Apareça-me pela frente seja quem for, não conheço, acabou-se.

[...]

Andresa pisca os olhos e surpreende-se a responder. És tu mesma, Andresa, és tu a dar sequência a esta conversa insípida. Poderias tê-la evitado, mas as conversas são assim. Têm um fio, um caminho a percorrer. Não te admires pois por te teres arriscado. (AMARÍLIS, 1991, p. 11-12).

Verifica-se que Andresa tem saudade de sua terra natal, Cabo Verde, ocorrência que vem marcada pelo emprego do discurso indireto livre por parte do narrador, no qual se evidenciam aspectos relacionados ao mundo interior da personagem e ao seu dilema em relação ao contato com seus conterrâneos que deseja e, ao mesmo tempo, rejeita. Na passagem transcrita, Andresa aproveita toda a oportunidade que tem para minimizar o

sentimento apontado, conversando com outros caboverdianos que, como ela, foram obrigados a emigrar. A protagonista do conto vive entre duas realidades – Cabo Verde e Lisboa – e isso fica evidente na mescla de duas linguagens – o crioulo caboverdiano e o português – apontando um paradoxo, pois

Andresa deseja ser como o outro (o português), mas a mescla de linguagens denuncia a sua origem, pelo uso que ela faz do coloquialismo cabo-verdiano. Por mais que a personagem procure agir como o outro (o português), ela não tem como monitorar sua linguagem em seu devir, permitindo, assim, que descortinemos tal aspecto paradoxal, representativo do embate entre os valores culturais portugueses (da terra de chegada) e os valores culturais cabo-verdianos (da terra de partida). [...] (BARROS, 2005, p. 51).

Portanto, a língua coloquial insere-se na língua portuguesa culta com a qual a personagem deseja manifestar seu mundo interior e esse fato desvela a sua situação de emigrante, que deseja estar em seu país, mas que sabe que isso não é possível. Então a evocação do passado com suas contrêrrneas é um modo de mitigar essa ausência não só da terra, mas também de seus familiares.

A situação peculiar de Andresa deixa entrever o choque entre duas realidades – o “lá” (Cabo Verde) e o “aqui” (Lisboa), ou seja, o “chão”, a terra natal versus o “exílio”, como acertadamente pondera Jane Tutikian (2010, p. 306):

Talvez seja o momento de nos perguntarmos o que, afinal, define a identidade caboverdeana nos contos de de Orlanda. Fundamentalmente, um território, uma cultura, um temperamento: os elementos que Orlanda Amarílis trabalha em seus contos, no espaço que transita entre São Vicente e Lisboa. Lá, o chão; aqui, o exílio. Lá, uma geografia que se divide entre a “terra madrastra”, com seu ilhamento e sua miséria, e a “terra longe”, a “Pasárgada” cheia de promessa, diante de um mar caminho e obstáculo. Um espaço determinante da temporalidade, porque “a terra longe” é sempre futuro, e o futuro, melhor do que o presente. E o evasãoismo [...] pertence à condição de ser do caboverdeano, é a condição de um povo mestiço vindo da escravatura, mal nutrido, e mal tutelado. Mas, no olhar voltado para a terra natal, o passado, a despeito da terra, reforçando a “mitologia doméstica”, é o agente revelador da felicidade da casa e a possibilidade de ser.

A nostalgia de Andresa em relação a sua terra de origem irrompe na narrativa quando ela encontra outros caboverdianos que vivem uma situação similar à sua. Notamos que os relatos de Orlanda Amarílis são histórias “nostálgicas, de homens ou mulheres perdidos na multidão anônima, que carregam consigo a sofrida experiência

cabo-verdiana” (SANTILLI, 1985, p. 27). Nesse sentido, merece destaque a recordação de Andresa de sua infância, no momento em que Tanha informa-lhe que é filha de Simão Filili. Desse modo, surge no conto a presença da contadora de histórias, Bia Antónia, e vale ressaltar que tal presença é um dado marcante, que fez e faz parte da cultura dos povos africanos, cuja oralidade é uma de suas características mais relevantes e que tem se perpetuado ao longo dos séculos. Observemos o fragmento do conto no qual Bia Antónia é mencionada pelo narrador:

[...] a velha criada da casa, era quem contava estas e outras patranhas à Andresa. Depois do jantar, Bia Antónia sentava-se num caixote, perto da escada, na varanda sobranceira ao quintal. Entre duas fumaças do canhoto sempre dependurado no canto da boca, a serva desfiava um ror de histórias. Andresa, debruçada à varanda, ouvia-a distraída. (AMARÍLIS, 1991, p. 16).

A questão da oralidade fica patente não só no trecho transcrito acima, mas também no próprio estilo de Orlanda Amarílis ao longo do conto, uma vez que ela procura imitar a arte das contadoras de histórias. As suas frases são sempre curtas, assim como os parágrafos, além de haver um predomínio de orações coordenadas e quase não aparecem orações subordinadas em seus textos. Esses fatos possibilitam afirmar que o discurso de Amarílis procura mimetizar e enfatizar a oralidade em seus contos.

Além disso, é possível notar que aspectos da realidade de Cabo Verde também compõem o tecido narrativo de seus contos. A título de ilustração, observemos um fragmento do conto em análise, no qual se narra a morte de Zinha, irmã de Tanha:

Zinha andava doente há longos meses de uma doença esquisita. A pele virara-se-lhe baça e de cor suja. O noivo lá para a Guiné e o povo murmurava. Doença assim não podia ter outra origem senão mal-feitiço feito pela amante preta de Bissau. Vocês não sabiam? Gente da Guiné fazia mal-feitiço por tudo e por nada. Também não era novidade: Qualquer rapaz solteiro costumava arranjar a sua rapariga e, muitas vezes, um ou dois filhos antes de casar com outra. Quanto à Zinha, mal-feitiço ou não, a verdade era ela estar doente. Mal-feitiço ou não, muita gente nova em Soncente morria tuberculosa e, se crianças ainda, morriam de febre tifóide, e se meninos de mama, morriam com desinteria. Então, pã mode quê tanta tolice de boca para fora? (AMARÍLIS, 1991, p. 16-17).

Se por um lado, o narrador ressalta o peso das tradições e do folclore pela crença em bruxas e feitiços, por outro, aponta a bigamia e as doenças (tuberculose, tifo, desinteria) como problemas crônicos da realidade caboverdiana.

Tais fatores, aliados à miséria e à impossibilidade de uma vida digna, obrigam os habitantes de Cabo Verde e de outras partes da África a saírem em busca de uma vida melhor. Andresa encontra-se nessa condição e vive um dilema – busca o contato com aqueles que vieram de sua terra, mas frustra-se, ao perceber que o passado não pode ser revivido:

De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patricio, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra. Entretanto, feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas. Topa-os aqui e ali, no Rossio, na Estrela, espalhados por Lisboa, no Camões aos domingos de manhã, no Conde Barão, no Cais do Sodré. (AMARÍLIS, 1991, p. 15).

A tentativa de reviver as emoções e os sentimentos passados parece ser infrutífera, contudo, Andresa age quase por impulso, quando reencontra alguém de Cabo Verde e tem a chance de entabular uma conversação. Assim, verifica-se que Andresa “entrega-se a lembranças crioulas, inicialmente reprimidas por sua situação de emigrada na grande cidade europeia, mas que jorram a seguir com ímpeto irrefreável” (CARLOS, 2009, p. 64), no contato com seus patricios.

No final do conto, Andresa decide afastar-se de Tanha. Senta-se ao lado de uma “inglesa ruiva” e continua no seu mundo de reminiscências. No entanto, lembra-se de seu povo e resolve abandonar a companhia da inglesa e se reaproximar de alguém com quem compartilha a mesma raça e os mesmos sentimentos em relação ao exílio e ao solo africano:

Andresa relembra tudo isto com tanta minúcia como se nunca se tivesse despedido da Mãe-Terra e tivesse continuado as pegadas de nhô Simão Filili, de nhô Faia, de Antoninho Ligório, do Pitra.  
A seu lado, a inglesa ruiva continua sua companheira de banco.  
Na gare vazia descobre o comboio.  
Levanta-se e começa a andar. Junto à segunda carruagem espreita. Tanha, olhar descansado, a face serena, num canto do assento como se devessem caber aí mais umas cinco pessoas ainda no mesmo banco, sorri para Andresa. Coitada da Tanha! Vou com ela até Caxias. (AMARÍLIS, 1991, p. 18).

Ainda que a decisão de Andresa seja ficar próxima a alguém com quem se identifica, esse fato revela a solução de um impasse momentâneo, porque

Esse conflito não se resolve: o desfecho do conto mostra uma escolha provisória da personagem, pois ela se afasta do outro (a inglesa que está no banco ao seu lado) e vai ao encontro da referência natal (a identidade), Tanha, que não lhe parece mais es-t(r)-anha.

Caminhar em direção à patricia não garante, entretanto, uma resolução total para os conflitos identitários da personagem. (BARROS, 2005, p. 51).

A situação da personagem, no final do relato, é uma situação de fronteira, pois ela encontra-se dividida entre duas atitudes distintas – a possibilidade difícil de integração e a manutenção de sua condição de exílio – sem poder optar definitivamente por nenhuma delas:

É a perspectiva de desenraizamentos que ocupam um espaço liminar de significação, marcado pela voz das minorias, como a voz da mulher através de mulheres fortemente construídas [...] como esse em que Orlanda Amarílis se situa e se expressa através de Andresa, de “Cais do Sodré” [...]: nem caboverdeana, como caboverdeana pré-diáspora, nunca portuguesa. E o estranhamento não é mais do que a consciência do sujeito híbrido de sua não pertença, corroborando a idéia de apagamento da identidade das origens e da identidade cultural do exílio, para o encaminhamento a uma outra identidade, intervalar, organizada ou desorganizada no terceiro espaço, o de quem está na fronteira. (TUTIKIAN, 2010, p. 313).

A personagem central do conto, como ser de fronteira, mantém em si os dilemas e problemas enfrentados por todos os emigrantes. Não poderá nunca assumir a nacionalidade portuguesa, devido ao preconceito europeu, e estará sempre condenada à situação de emigrante, sem perspectivas de qualquer alteração dessa situação.

No conto “Cais-do-Sodré”, mergulhamos na história de Andresa, que parte de sua terra, aspirando a ser uma cidadã de outra pátria, mas que é marcada pela identidade étnica, fato que, conseqüentemente, lhe traz o ônus da discriminação social e a solidão em terras estrangeiras. Tal conto é

uma história de reencontros de cabo-verdianos emigrados, pode ser tomado como uma amostra da prosa de ficção que ela [Orlanda Amarílis] iria praticar. Através de mulheres, como predominantemente fará nessa coleção de contos e em seu segundo livro, *Ilhéu dos pássaros*, Orlanda apreende, então, o mundo pela perspectiva feminina.

Em “Cais-do-Sodré” já se vê como ela busca a identidade da mulher cabo-verdiana, colocando em confronto a que ainda se revela com espontaneidade e a que já não a quer revelar, embora acabe por deixá-la evidente no gesto final de solidariedade [...] com o qual a estória termina.

Esse conto deixa ver, também, um dos recursos literários dos quais iria valer-se mais assiduamente: o dos processos associativos da memória, que carregam para o leito principal de suas narrativas algum ou muitos dos afluentes, que lhes dão a palpitação de atualidade.

Com as mulheres de *Cais-do-Sodré*, Orlanda Amarílis manifesta os resíduos da “nostalgia entre o exílio e o desenraizamento”, como uma nuance do terralongismo, pela força do qual o universo cabo-verdiano se reorganiza nas teimosas e inevitáveis recordações. (SANTILLI, 1985, p. 27).

Andresa pode ser vista como uma síntese entre o exílio e o desenraizamento, desvelando que, na sua condição de emigrante, viverá sempre à margem da sociedade lisboeta, uma vez que não é aceita pelo preconceito racial do europeu, e também não vê possibilidade de retornar a sua pátria, devido à precariedade econômica e social que assola as terras africanas. Resta-lhe, como consolo, a memória do seu passado em Cabo Verde, o que lhe garante, ainda que provisoriamente, encontrar energia para seguir sua vida em terras estranhas. Em última instância, a opção de Andresa por alguém de sua terra revela também o sentimento de solidão que a invade e que só é minimizado pela presença daqueles que vieram de terras africanas. Entre o exílio e a solidão, ela encontra em seus patrícios a solidariedade e a energia vital que a leva adiante, na esperança de que o futuro possa ser diferente, ainda que a nostalgia do passado vivido em solo africano nunca a abandone e a possibilidade de que consiga integrar-se e ser aceita pelos portugueses seja remota ou quase nula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Orlanda Amarílis, literatura de migrante. *Via Atlântica*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, FFLCH-USP. São Paulo, n. 2, jul. 1999, p. 76-89.

AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do-Sodré*. In: \_\_\_\_\_. *Cais-do-Sodré té Salamansa*. 2. ed. Lisboa: ALAC, 1991, p. 9-18.

BARROS, Maria Regina de. *Emigrar é preciso, viver não é preciso*. Dissertação (Mestrado em Letras, Área de Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC. Belo Horizonte, 2005.

CARLOS, Suely Alves de. *Identidade, memória e gênero nas obras literárias de Orlanda Amarílis e Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH-USP. São Paulo, 2009.

FERREIRA, Manuel. Notícia bibliográfica. In: AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do-Sodré té Salamansa*. 2. ed. Lisboa: ALAC, 1991, p. 7-8.

MENDONÇA, Fernando. Orlanda Amarílis. *Revista de Letras*. São Paulo. 23: 63-70, 1983.

QUEIROZ, Sônia Maria Alves de. Breves reflexões sobre a representação social das mulheres cabo-verdianas: a hermenêutica do cotidiano. *Revela*. Periódico de divulgação Científica da FALS. Ano IV – Nº IX – set./2010, p. 1-11.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_ e FLORY, Suely Fadul Villibor (org.). *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Cabo Verde: Ilhas do Atlântico em prosa e verso*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007, v. 3.

TUTIKIAN, Jane. Por uma Pasárgada caboverdeana. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 42-52, out./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. Orlanda Amarílis: a caboverdeanizada vida. In: SECCO, Carmen Tindó, SEPÚLVEDA, Maria do Carmo, SALGADO, Maria Teresa (org.). *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2010, p. 291-316.